



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITARIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

MARIA APARECIDA GOMES SANTANA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO ACADÊMICA NO CURSO DE LICENCIATURA EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO**

PACAJÁ/ PA
2018

MARIA APARECIDA GOMES SANTANA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO ACADÊMICA NO CURSO DE LICENCIATURA EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Memorial acadêmico apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Estado do Para - UFPA, Campus Universitário de Altamira - Pólo/Pacajá como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada Plena em Educação do Campo (ênfase em Ciências da Natureza).

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Henrique Santana

PACAJÁ/ PA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo (a) autor (a)

S231m Santana, Maria Aparecida Gomes

Memorial de formação acadêmica do curso de licenciatura em educação do campo/Maria
Aparecida Gomes Santana. — 2018
19 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Etnodiversidade, Campus
Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2018.
Orientação: Prof. Dr. Ronaldo Henrique Santana

1. Educação do campo. 2. Formação. I. Santana, Ronaldo Henrique, *orient.* II. Título

CDD 500.1

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo compreender e discutir a importância da educação formal como fundamental para o desenvolvimento humano, a partir das experiências adquiridas ao longo da minha trajetória escolar, sobretudo no curso de Licenciatura em Educação do Campo. As metodologias usadas foram: pesquisas bibliográficas, observação in loco, tempo comunidade e produção de relatórios, onde foi possível obter dados de práticas pedagógicas e estrutura escolar do município de Pacajá/Pa. Tendo como referencial teórico para essa discussão alguns autores como: Cortella, (2011), Pimenta, (2012), Hébette, (2002), Fernandes, (2012), Kralsilchik, (2007), Henriques, (2007). Havendo alguns avanços na área da educação, principalmente no campo, percebeu-se que as políticas educacionais voltadas para os povos do campo ainda não foram pensadas e desenvolvidas levando em conta suas particularidades.

Palavra chave: Educação do Campo. Formação.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta um breve relato de minha vida pessoal, profissional, dos meus primeiros anos de escolarização e da minha experiência acadêmica, adquirida ao longo do curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Pretende-se com este trabalho discutir a importância da educação formal como fundamental para o desenvolvimento humano, a partir das experiências adquiridas ao longo da minha trajetória escolar, bem como as renúncias e dificuldades que enfrentamos para ter acesso a esta educação, destacando o papel imprescindível do curso de licenciatura em Educação do Campo como medida de superação as dificuldades e forte aliado na luta por uma educação de qualidade.

A Educação do Campo nos proporciona adotar metodologias de ensino diferenciadas, que visam o desenvolvimento cognitivo humano como afirma Fernandes:

Os territórios da Educação do Campo nos desafiam para construirmos as condições educacionais apropriadas para o desenvolvimento de um modo de vida em que a família, a terra, o alimento, a comunidade a escola, o movimento, as pessoas, o trabalho, estão acima da mercadoria. A mercadoria não vem em primeiro lugar, como no território de uma educação capitalizada. O espaço da vida é que nos move á solidariedade, ás parcerias, ao companheirismo, ao comunitário e ao cooperativismo (2012, p. 15).

Neste sentido, uma educação voltada a atender as especificidades das populações que vivem em espaços denominados rurais, valorizando e respeitando as diferentes culturas e saberes destas populações fundamentalmente importantes no processo histórico de construção e manutenção do País.

A proposta de uma educação do campo surge frente à exclusão histórica a qual vivenciaram e vivenciam os povos do campo, que por muitas décadas, tiveram sua importância e direitos renegados, em face de estereótipos, que punha o "homem do campo" numa posição de inferioridade sendo negado, por muito tempo, o acesso à escola e uma educação de qualidade voltada para atender suas necessidades.

Tal situação se dá talvez, por que o homem do campo, não precise ser bem formado do conhecimento formal e sim apenas do conhecimento de vivência?

Na verdade, é possível que haja a falta de uma política educacional que atenda as características mais precípuas deste homem, haja vista que, por muito tempo, as comunidades do campo/interior viveram mais isoladas do chamado "centro" e isso

lhes privou de acompanhar os processos que ocorreram no sentido das inovações no campo da educação.

Diante desse contexto e da eminência de uma valorização dos sujeitos do campo, vão surgir conflitos, desafios e lutas em favor de uma educação que oferece oportunidade de desenvolvimento e estabilidade aos povos do campo:

Lutas de classes, desenvolvimento, diferenciação de territórios e projetos, id entidades camponesas são referências fundamentais para compreensão dos princípios do paradigma de Educação do Campo. Desde esta compreensão, amplia-se a imensidão do campo dos desafios, por que o paradigma da Educação do Campo tem a responsabilidade de contribuir cada vez mais com a luta de classes, com a resistência, com a esperança e com o desenvolvimento dos territórios camponeses (FERNANDES, 2012, p. 17).

Este autor nos esclarece sobre o papel imprescindível da Educação do Campo, que traz esperança aos povos que vivem em áreas rurais ou que tem vínculos com o campo, dando condição a estas populações para alcançarem prosperidade nas ações pessoais e coletivas no meio em que residem.

Contudo, embora tenha havido um grande salto na valorização e reconhecimento dos sujeitos do campo, como preconiza a LDB 9.394/96 em seu artigo 28, que estabelece as seguintes normas para a educação no meio rural:

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino proverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I- conteúdos curriculares e metodologia apropriada às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II- organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III- adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1996).

Há muito a fazer para se alcançar uma educação que atenda e promova transformações da realidade social desses territórios e de seus sujeitos.

2. ORIGEM E MIGRAÇÃO

A migração fez e faz parte da história brasileira e constitui-se como fator crucial para constituição da região amazônica. Diante da necessidade de colonizar e ocupar a região norte do país, em 1970 o governo Presidente Médici decidiu implementar o projeto da "Transamazônica" no intuito de integrar a região ao restante do país, bem como resolver os problemas sociais da seca que assolava a região Nordeste (HÉBETTE, 2002)

A ideia de terras gratuitas atraiu muitos imigrantes para região amazônica dando início ao processo de ocupação efetiva e desenvolvimento da região. Foi assim que meu pai iniciou a busca dessas terras que ele tanto sonhava para produzir e que no Nordeste isso não era possível. Porém, é importante ressaltar que esse processo gerou inúmeros malefícios ambientais, à medida que não houve um projeto conciso que levasse a uma ocupação sustentável da Amazônia, e, também muitos conflitos agrários envolvendo grandes latifundiários e colonos na disputa pela posse da terra (HÉBETTE, 2002)

Embora a história da Transamazônica esteja circundada de estereótipos que envolvem violência inerente aos conflitos agrários, assim como grandes áreas com pouca ou nenhuma densidade demográfica, não se pode negar a participação e a vivência dos homens do campo que verdadeiramente construíram a história desta região.

Neste contexto histórico-nacional, nasci na zona rural do município de Jequié, sertão da Bahia numa região próxima a uma barragem chamada Barragem de Pedra, onde vivi até os 10 anos de idade. Nesse período não frequentei escola, pois naquela região a escola não existia. Lembro-me que ajudava meus pais nas atividades de casa e do campo. Os recursos econômicos para sobrevivência da minha família e das poucas famílias vizinhas eram adquiridos por meio da criação de cabras, da pesca e do cultivo de hortas como: tomate, pimentão, pepino batata doce etc. O valor recebido por estes produtos, comercializados na feira de Jequié, era muito baixo e não compensava o trabalho e o investimento, motivo que veio a resultar na primeira migração da minha família do estado da Bahia para o Estado do Maranhão em busca de melhores condições de vida.

Minha família permaneceu no estado do Maranhão poucos anos, e depois seguiu para o estado do Pará, região da Transamazônica onde realizamos o sonho de adquirir uma pequena propriedade para o cultivo de plantações e para criar algumas espécies de animais.

Nesta época já havia amenizado a violência e os conflitos por causa da disputa acirrada pelas terras desta região, mesmo assim ainda enfrentaram muitas dificuldades pelas más condições das rodovias e de tratamento médico, por exemplo.

O fato de nos distanciarmos dos parentes mais próximos, e ter que encarar um ambiente novo junto a várias outras dificuldades foram sacrifícios que muitos

pais de famílias fizeram. Como salienta Hébette, (2002, p. 209), quando "uns e outros sofriam dificuldades comuns de distância de suas famílias, de isolamento, de confronto com um ambiente estranho de fechamento de um espaço público para uma possível organização".

Assim como relata o autor sobre a migração de povos de outros estados para o estado do Pará, e, sobre os conflitos e sofrimento vividos por estes na luta pela posse de terras, moradores antigos da comunidade vicinal 309, onde realizei as primeiras pesquisas, realizadas no curso de Educação do Campo a partir das vivências de Tempo Comunidade¹, também relataram histórias bem parecidas, conforme observamos na fala de um morador pioneiro:

Esta era uma grande área de mata do INCRA² e era dividida em glebas, nesse período começaram a entrar para esta região e compraram lotes ou glebas do INCRA. Enfrentamos muitas dificuldades as pessoas adoeciam muito de malária e era preciso ser tirada em redes, pois não tinha estradas eram levadas para outra região, pois aqui não tinha hospital nem recursos para tratar os doentes. Passavam vários dias em atoleiros nas estradas quando tinham que se locomover para outras comunidades. Tínhamos que ir a Altamira para comprar alimentos, pois aqui não tinha (MORADOR DA COMUNIDADE, vicinal 309, 2014).

A coragem de enfrentar os desafios e a fé em dias melhores, fizeram com que muitas famílias se estabelecessem na região da Transamazônica, mesmo com a falta de apoio do Governo Federal, desde a década de 1970 e até os tempos atuais, o difícil acesso as cidades e principalmente a precariedade das instituições públicas (HÉBETE, 2002) geraram dificuldades de permanência nessas regiões, que só foram superadas graças aos laços de afetividade, parentesco e conterraneidade que foram e são essenciais para a permanência e fixação de diferentes povos na Amazônia.

A força dos colonos, no enfrentamento de seus problemas reduzia-se ao espaço privado da família e da rede de parentesco, dos laços de conterraneidade, das relações pessoais e coletivas e da coesão confessional das agremiações religiosas. Essas relações, que se entrelaçam e se superpõem com muita frequência, mostraram-se muito importante, no isolamento da fronteira, para uma superação parcial das dificuldades (HÉBETTE, 2002, p. 209).

¹ Período em que os educandos realizam atividades de observação investigação e intervenção na comunidade. Cujo objetivo é conhecer a realidade da comunidade, bem como vivenciar a prática da realidade do campo de pesquisa. Propor intervenção para os possíveis problemas encontrados.

² O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA órgão responsável por executar a reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional.

Como podemos ver as relações sociais são muito importantes no processo de desenvolvimento das famílias. Porém, essas relações não se davam, sempre, de forma amistosa entre os já fixados e os recém-chegados, pois, assim como havia pessoas acolhedoras que davam suporte aos recém-chegados, disponibilizando de algum recurso como casa para se abrigar, roças de lavouras para colher na meia (ou seja o dono da lavoura faz acordo com uma pessoa cedendo a lavoura em ponto de colheita para que esta realize a colheita e, após este trabalho dividir o produto colhido em partes iguais, metade para o proprietário e metade para a pessoa que colheu). Entretanto, haviam muitas desavenças pessoas que cometiam crimes para se apropriarem de grandes áreas de terras.

No entanto, não podemos acreditar que os indivíduos que constituem a Transamazônica são violentos, como paira no imaginário de muitos brasileiros, mas de homens e mulheres que, diante de uma realidade social desfavorável abandonaram suas raízes em busca de melhores condições de vida, reestabelecendo novas relações histórico-sociais.

Assim sendo as famílias se estabeleceram apoiando uma a outra de acordo com suas possibilidades. Demonstrando que a ação coletiva das pessoas, dentro de uma estrutura organizacional tendo como base o respeito, a compreensão e a solidariedade mútua entre os membros podem resultar na transformação de uma realidade e em melhores condições de sobrevivência.

Devemos procurar viver em harmonia compreendendo e respeitando um ao outro "O mundo construído por nós, o mundo humano, é o nosso lugar: precisamos nele nos situar, procurando uma condição mais harmoniosa e menos próxima da incompreensão e do caos que, aparentemente tudo comporta" (CORTELLA, 2011, p. 40).

A realidade da comunidade hoje em dia é bem diferente, as famílias procuram sempre viver nessa condição harmoniosa da qual Cortella (2011) nos fala no texto acima.

2.1 TRAJETÓRIA DE ESCOLARIDADE

Cada indivíduo é dotado de características e emoções diferenciadas, mas, é ao longo da vida e nas relações sociais que vamos constituindo experiências e habilidades, e, ao passo que migramos de uma região para outra adquirimos novos hábitos e costumes.

Ora, o principal canal de conservação e inovação dos valores e conhecimentos são as instituições sociais como a família, a igreja, o mercado profissional, a mídia a escola etc.; tal como mencionamos, ao contrário dos outros seres vivos, os humanos dependemos profundamente de processos educativos para nossa sobrevivência, (não carregamos em nossos equipamentos genéticos instruções suficientes para a produção da existência) e, desse prisma a educação é instrumento basilar para nós (CORTELLA, 2011, p. 42).

Um dos meios para adquirirmos conhecimento é no processo de ensino aprendizagem da educação escolar, mas, obtemos conhecimentos também nas nossas ações e experiências vivenciadas no dia a dia. Assim, a escrita de relatos autobiográficos dá aos indivíduos a possibilidade de articular, por meio das narrativas que produzem sobre si, as "experiências referências" pelas quais passaram, dotando a própria trajetória profissional de sentido. (PASSEGGI, SOUSA, VICENTINI, 2011)

Na medida em que ampliamos nossos conhecimentos aumentam-se as chances de obter melhores resultados em nossas atividades e de alcançar benefícios que nos proporciona melhor qualidade de vida, e é justamente na educação formal que essas chances são potencializadas, portanto, torna-se essencial que o Estado promova o acesso, não só aos indivíduos das cidades mais também do campo, uma educação de qualidade.

Minha trajetória escolar teve início alguns meses depois que chegamos ao estado do Maranhão. Estava iniciando a adolescência onze anos de idade, não me lembro ao certo, mesmo sem ter frequentado escola antes, já sabia ler e logo aprendi escrever também, por esta razão a professora ia acelerando as séries então antes do final do ano ela me colocou para cursar o terceiro ano junto aos alunos do terceiro ano.

A primeira professora que tive dava aula particular, e o espaço onde era a sala de aula era anteriormente uma casa residencial com paredes batida barro e cobertura de tabuinhas (pedaços de tábuas tirado da madeira mais ou menos do mesmo tamanho e espessura). No ano seguinte cursei o 4º ano em uma escola pública que se localizava em uma fazenda, um pouco distante da fazenda onde eu morava com minha família como agregados.

Quando criança tinha muita vontade de estudar, mas não era possível, pois na época quase não se ouvia falar em escolas no meio rural principalmente no

sertão da Bahia onde vivi minha infância. Junto ao problema de localização geográfica e a baixa densidade populacional, havia também questões financeiras e não se dava a real importância ao desenvolvimento da educação escolar como instrumento de libertação e de valorização do ser humano, problema esse, que persiste até os dias de hoje.

Mesmo já tendo ocorrido alguns avanços no sistema educacional do país, ainda existe um número considerável de analfabetismo nas áreas rurais principalmente nas regiões norte e nordeste.

No âmbito das políticas públicas para a educação, pensava-se e muitos pensam ainda- que o problema a ser resolvido para a educação das populações que vivem fora das cidades decorria apenas da localização geográfica das escolas e da baixa densidade populacional nas regiões rurais. Isso implicava entre outras coisas, a necessidade de serem percorridas grandes distâncias entre casa e escola e o atendimento de um número reduzido de alunos, com consequências diretas nos gastos para a manutenção do então denominado ensino rural (HENRIQUES, 2007, p. 10).

O autor relata que muitos pensavam (e ainda pensam) que o problema a ser resolvido para a educação das populações que vivem fora da cidade seria a questão da localização geográfica e quantidade de alunos a serem atendidos, mas sabe-se que além desses fatores que dificultam o acesso às escolas, existem vários outros.

Entre eles podemos citar as dificuldades em buscar métodos para a construção de um modelo de ensino que venha contemplar as peculiaridades de cada região de modo a fazer sentido com a realidade e as diversidades culturais dos povos, de acordo com o contexto em que estão inseridos.

Partir das preocupações dos alunos não é o mesmo que nelas permanecer indefinidamente; ademais levar em conta é bem diverso de acatar passivamente. Em outras palavras, os educadores precisamos ter o universo vivencial discente como princípio (ponto de partida), de maneira a atingir a meta (ponto de chegada) do processo pedagógico; afinal de contas, a prática educacional tem como objetivo central fazer avançar a capacidade de compreender e intervir na realidade para além do estágio presente, gerando autonomia e humanização (CORTELLA, 2011, p. 102).

Para atingir resultados significantes por meio das ações pedagógicas que, de fato, venham promover transformação da realidade, combatendo a exclusão e exploração do ser humano "gerando autonomia e humanização" como nos fala Cortella (2011), deve-se respeitar e considerar os saberes empíricos e as práticas produtivas dos povos, relacionando-os com o conhecimento científico.

Após ter cursado a 3ª série/4º ano a professora foi embora da região, então a escola foi desativada. Continuei morando na mesma fazenda, porém a partir daí fiquei vários anos sem frequentar escola e, nem sequer possuir documento que comprovasse as séries que cursei.

Durante os anos que fiquei sem frequentar escola por um breve período tive vontade de voltar a estudar, mas por dificuldade de conciliar os afazeres do lar e os estudos, optei por ficar mais alguns anos sem frequentar a sala de aula.

1. RETORNO Á ESCOLA

Após um longo tempo sem acesso à educação escolar e, recém-chegada no município de Pacajá/PA, encontrei um professor que atualmente está cursando doutorado, que havia conhecido na igreja católica aqui mesmo em Pacajá, em seguida ele perguntou qual era minha escolaridade e (para falar a verdade) não soube como responder. Ele replicou a pergunta e respondi que até a terceira série, porém não tinha documentos que comprovassem a escolaridade.

Então ele me orientou a pegar uns livros para estudar e, ir a uma escola realizar um teste classificatório equivalente ao Ensino Fundamental I, eu disse que ia pensar depois eu iria ver esta questão. Mas ele insistiu para não deixar para depois e me acompanhou até a secretaria de educação que estava próxima: conseguiu uns livros, me entregou e já marcou a data para eu fazer o teste classificatório.

O incentivo e a insistência do professor me fizeram dar um passo muitíssimo importante na minha vida, pois realizei o teste classificatório e fui aprovada, em seguida fiz matrícula para cursar 3ª etapa da EJA (Educação de Jovens e Adultos) equivalente a 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental II.

Dando continuidade cursei a 4ª etapa concluindo o ensino fundamental II.

Logo após iniciei o ensino médio na mesma modalidade de ensino (EJA) na primeira etapa cursei primeiro e segundo ano do ensino médio, no ano seguinte cursei segundo e terceiro ano, na segunda etapa, concluindo assim, o ensino médio.

Nessa etapa do meu aprendizado, estudava a noite, por que durante o dia tinha que trabalhar. Durante este período de escolarização vale ressaltar aqui, a compreensão e apoio de muitos professores deste sistema de ensino que, em alguns momentos, onde não foi possível acompanhar a aula, davam uma segunda chance aplicando uma nova atividade, onde foi possível alcançar as médias de aprovação e adquirir aprendizado dos conteúdos trabalhados nas aulas.

A modalidade de ensino EJA, foi muito importante neste processo de escolarização, embora não tivesse uma base curricular própria, mas que contribuiu significativamente atendendo as minhas condições de tempo para os estudos.

Com este sistema de ensino muitas pessoas tiveram a oportunidade de voltar a estudar e avançar nas etapas de estudos e também conquistar espaço no mercado de trabalho em áreas distintas.

2. QUALIFICAÇÃO/ENSINO SUPERIOR

Falar desta etapa de aprendizagem é para mim motivo de muita alegria e satisfação, mesmo tendo vivido momentos difíceis neste percurso, a ponto de pensar em desistir. Sempre tive interesse pelos estudos e, nos períodos em que cursei o ensino fundamental e o ensino médio sempre tive compromisso com as atividades escolares, mas só passei a reconhecer a verdadeira importância da educação escolar após dois anos da formação acadêmica.

Além das aulas presenciais do curso de Licenciatura em Educação do Campo que os professores ministraram ao longo do curso, trazendo discussões que levaram a uma compreensão e um bom esclarecimento sobre vários aspectos do processo escolar, também tive acesso a textos maravilhosos de como: Territórios educativos na educação do campo de Antunes Rocha (org.) (2012) A escola e o conhecimento de Cortella (2011), Ensino de ciências e cidadania de Krasilchik, entre (2007) outros, que li para escrever os relatórios de TC e o presente Trabalho de Conclusão de Curso, que me trouxeram uma nova visão.

Por meio das leituras de textos de Pimenta (1996), Cortella (2011). Fernandes, (2012). Krasilchik (2007). levaram-me a convicção da importância da educação formal para o desenvolvimento do ser humano, para a libertação e a conquista do acesso à melhor condição de sobrevivência. Neste sentido, podemos ver na fala de Cortella, (2011, p. 128): “A Educação e a Escola são os lugares onde aprendemos a dizer e exercer mais fortemente o nosso não. Não à miséria; não à injustiça; não há contradição humano X humano; não à Ciência exclusivista; não ao poder opressor”.

Refletindo a fala do autor percebe-se o quão fundamental é a educação escolar na formação humana, com ela aprendemos a dizer não as várias formas de opressão e, não mais se calar diante das situações que afligem e interfere no desenvolvimento e na qualidade de vida do ser humano.

Quando passamos a ter conhecimento dos nossos direitos então começamos a lutar por estes e não mais nos acomodamos diante dos fatos pois, os ensinamentos e aprendizados diários que vamos adquirindo durante o processo de educação formal nos dão suporte para irmos em busca dos nossos objetivos e assim poder viver com mais dignidade. A educação é primordial em todos os seguimentos na vida da espécie humana, a seu modo ela continua no homem o trabalho da natureza de fazê-lo evoluir de torna-lo mais humano. (BRANDÃO, 2007, p. 14).

Durante o processo de formação superior passamos por árdua jornada, pois é preciso conciliar ao trabalho; família; afazeres do lar; assuntos financeiros a se resolver etc. É necessário muito esforço, dedicação, coragem e determinação para conseguir realizar todas as atividades, vencendo o cansaço físico e mental causados pelas extensivas horas de aulas seguidos de outros a fazeres diários.

Mas, a partir do momento que se percebe o quanto a formação acadêmica contribui na mudança de vida do ser humano contribuindo com o crescimento, libertação e inclusão social, então compreendemos que compensa superar cada dificuldade em prol de um bem maior que jamais pode ser tirado de alguém que é o conhecimento (formação a nível superior).

No decorrer desta formação os conteúdos estudados e os métodos utilizados pelos professores foram ajudando nesta compreensão, pois, o curso de licenciatura em Educação do Campo oferecido pela UFPA (Universidade Federal do Pará) tem como objetivo principal trabalhar a valorização humana em suas diversidades e individualidades.

Dada a natureza do trabalho docente, que é ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados, espera-se da licenciatura que desenvolva nos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem permanentemente irem construindo seus saberes fazeres docentes a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano (PIMENTA, 1996, p. 75).

Estas habilidades e conhecimentos foram bem desenvolvidos nos alunos durante este percurso de qualificação, e estes colocados em práticas nas atividades de estágio, e posteriormente serão postos em prática ao atuarmos na profissão docente depois de concluída a formação acadêmica.

Vivemos em um país de muitas raças, crenças e culturas e, sabemos que mesmo depois de tantas lutas que criaram as legislações e órgãos que promovem e

garantem a defesa e direitos humanos, o preconceito e a opressão ainda estão presentes em nossa sociedade.

Nessas sociedades, governadas pelos interesses de grupos, classes e nações dominantes, a “educação como prática da liberdade” (FREIRE, 1987,) postula necessariamente, uma “pedagogia do oprimido” (FREIRE, 1987). Não pedagogia para ele, mas dele. O acesso a uma educação escolar que tem em sua metodologia ações que promovem o respeito e a solidariedade humana nos leva a crer que teremos no futuro uma sociedade mais justa e solidaria. O curso de licenciatura em Educação do Campo vem formando profissionais para atuar na educação com este propósito de adotar uma ação de renovação curricular voltada a combater a exclusão e opressão.

Fazer parte dessa formação humanizadora é motivo de muita satisfação, principalmente em presenciar relato de colegas de turma em apresentações de trabalhos acadêmicos expressando o entendimento do quanto é importante a adoção de novos métodos de ensino nas nossas escolas, para que possam melhorar a qualidade da educação, principalmente nesta região transamazônica onde a uma carência muito grande nas estruturas escolares e sobretudo nos currículos escolares que não tem atendido as diversidades da nossa região, principalmente nas escolas do campo.

Mas é sabido que para que haja uma transformação devemos adotar novos hábitos educativos articulando os saberes científicos com os saberes locais, é necessário maior comprometimento e esforço por parte dos profissionais que atuam na área da educação escolar. “São desafios a enfrentar quando se pensa em construir outra postura no fazer pedagógico sem desprezar os conhecimentos historicamente sistematizados, mas fazendo-os dialogar com a realidade” (SILVA; MENEZES; REIS, 2012, p. 65).

Sabemos que são muitos os desafios a enfrentar como nos é apresentado pelos autores acima, mas que estes precisam ser superados para que se possa de fato contribuir com o desenvolvimento da educação, e para que esta expectativa se torne realidade.

Nesta formação acadêmica os futuros profissionais foram capacitados a atuarem na educação com novas habilidades. Aí compreendemos que o conhecimento sobre a realidade educacional e seus processos ainda é muito

pequeno e que se faz necessário muito mais estudos sobre o assunto, de forma que maiores informações sejam dadas.

Assim, a trajetória do curso de Educação do Campo tem me impulsionado muito, haja vista que em nenhum momento da vida, havia visto a educação com esse olhar mais afinado, ou seja, essa formação contribuiu bastante para a ampliação de horizontes do conhecimento, que me farão melhor profissional a cada dia.

Para que possamos contribuir com a transformação da educação e o desenvolvimento do nosso município.

A escola da Educação do Campo nasce como uma das dimensões da luta pela conquista de um modo de produção de vida. Nesse sentido se articula com um conjunto de princípios, conceitos e práticas em construção, no conjunto das lutas empreendidas pelos trabalhadores do campo. Sendo assim a escola se insere como um território a ser ocupado. A conquista de políticas públicas se alia a projetos pedagógicos capazes de atender às necessidades formativas necessárias para a construção de um novo projeto societário. O TE/TC é uma das estratégias pedagógicas que se considera como adequada para atingir aos objetivos (ROCHA; MARTINS, 2012, p. 31).

Nos períodos de TE tivemos discussões, leituras de textos de autores como Paulo Freire, Miguel Arroyo, Roseli Caldart e outros, também tivemos orientações dos professores em aulas teóricas e aulas práticas sendo estas de grande valia nessa trajetória de formação acadêmica.

Do mesmo modo os períodos de TC tiveram papel imprescindível, onde os educandos realizaram atividades de observação, investigação e intervenção na comunidade. Com estes trabalhos surgiram reivindicações em várias escolas do município que estavam e algumas que ainda estão em péssimas condições de trabalho.

Este é um momento muito interessante onde adquirimos conhecimentos sobre a realidade local e colocamos em prática aprendizados do Tempo Universidade (TU), essas experiências leva-nos à compreensão de que existe uma grande distância entre o discurso teórico que envolve os processos educacionais nesta parte do país, e a real situação das escolas e de suas comunidades.

Não que essa realidade seja algo ruim, em termos de qualidade de vida, ou que isso seja caracterizado como situação de miséria no campo. Trata-se de características particulares de um povo que vive no campo e que as políticas educacionais voltadas para este povo, ainda não foi pensada e desenvolvida levando em conta tais particularidades.

Aqui existem muitas dinâmicas culturais inerentes aos costumes tradicionais vindos dos vários cantos do Brasil e até do exterior, além disso, temos as condições naturais e geográficas que, também são fortemente determinantes de estilo de vida e de condições de trabalho. Por exemplo, existem muitas unidades de ensino bem distantes da sede municipal e as estradas de acesso a essas escolas, são, durante o período de chuvas, intrafegáveis.

Nos períodos de estágios tivemos a oportunidade de pôr em prática um pouco do nosso aprendizado nas aulas teóricas e práticas com os professores da universidade, e também das experiências de campo adquiridas em observações e diálogos com professor, alunos e famílias da comunidade.

As experiências de estágio têm grande contribuição para essa importante etapa de escolarização do formando, onde se vivencia as articulações da teoria e prática nas ações pedagógicas, tendo maior compreensão e entendimento de como se dá essa jornada de trabalhos diários em sala de aula.

Sem deixar de expressar que ao desenvolver as atividades de Estágio I e II houve dificuldades para elaborar planos de aulas e saber o tempo adequado para aplicar cada conteúdo a ser trabalhado em cada aula, mas no decorrer das atividades foi possível organizar e tudo ocorreu de forma satisfatória.

Após a realização destas duas etapas gerou-se uma grande motivação pela prática educativa consegui pôr em prática aprendizados adquiridos no TU principalmente relacionar o conteúdo com atividades locais dos educandos percebendo o quanto despertar o interesse deles interagindo nas aulas o tempo todo atentos e fazendo as atividades com entusiasmo.

No III e IV Estágios em turmas do ensino médio o receio foi muito grande chegando a ficar muitas horas estudando o assunto da disciplina a ser trabalhada em livros do ensino médio e pesquisando na internet, mas o professor da disciplina contribuiu muito com orientações e ajudando nas explicações em alguns momentos.

Nestas turmas também houve muita agitação por parte de alguns alunos que se dispersavam conversando entre si. Então foi percebido que é necessário ter muita criatividade, criar momentos reflexivos e também descontraídos usando mensagens edificantes e imagens que expressem motivações e orientações para o crescimento e formação humana.

Em todas as fases apesar de sentir medo, de ter vivido dias exaustivos de preocupação e muito esforço para executar cada atividade, após concluir cada uma destas atividades enchia-se de gratidão e alegria.

Em meio a sacrifícios há resultados positivos de novos aprendizados de relações afetivas com os alunos com pais de alunos professor titular da turma e outros colegas que cruzamos no espaço escolar e em alguns minutos de conversa surgiu incentivos e apoio que nos ajuda e encoraja para agir com confiança e realizar um bom trabalho.

Assim, o estágio prepara para um trabalho docente coletivo, uma vez que o ensino não é um assunto individual do professor, pois a tarefa escolar é resultado das ações coletivas dos professores e das práticas institucionais, situadas em contextos sociais, históricos e culturais (PIMENTA; LIMA, 1996, p. 21).

Dentro das nossas limitações, pois, é preciso compreender que as habilidades para o ensino educativo vão se aperfeiçoando na medida em que o professor vai avançando em sua caminhada profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivenciamos um modelo de desenvolvimento do país onde o capitalismo dita as regras, onde a modernização e a tecnificação privilegia poucos e ao mesmo tempo favorece exclusões e provoca êxodo rural, além de conflitos diversos pela posse da terra.

Os debates em torno da Educação do Campo, para o Campo e no Campo carece de aprofundamentos, de questionamentos, de políticas públicas bem coerentes com a realidade do campo, para que se possa contribuir com uma sociedade justa e igualitária em seus modos de vida e dinâmicas sociais.

Diante de todos os problemas que a Educação no Campo enfrenta, percebemos que o desafio é grande e os estudos nesta área nos mostra algumas perspectivas no sentido de construir um novo caminho para o homem do campo no sentido de entende-lo e de fortalece-lo em seu próprio meio, com seus traços culturais e com seus valores sociais.

Somar as atividades mais comuns do ensino, momentos possibilitem um aprendizado que, além de abordar os conteúdos também promovam a socialização entre as crianças e seus fazeres sociais, propiciando solidariedade e estímulo ao

desenvolvimento do senso crítico e a disposição para aprender e descobrir coisas novas, além do desenvolvimento da cidadania.

Diante de tudo o que estudei neste curso, não tenho dúvidas de que tudo é muito importante para o meu crescimento profissional e por isso pretendo continuar buscando mais conhecimento de forma que o meu profissionalismo tenha maiores êxitos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES-ROCHA, M. I. MARTINS, de F. A. **Tempo Escola e Tempo comunidade**: Territórios Educativos na Educação do Campo. In: MARTINS, M. F. A. MARTINS, A. A. (.). **Territórios educativos na educação do campo**: escola, comunidade e movimentos sociais. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação/** Carlos Rodrigues Brandão. São Paulo: Brasiliense, 2007. -- (Coleção primeiros passos, 20)
- BRASIL, **Lei nº 9.394/96**. MEC, Brasília, 1996.
- CORTELLA, Mario Sérgio. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos - 14. Ed. -São Paulo: Cortez, 2011.
- FENANDES, B. M. Territórios da educação do campo. In: ANTUNES-ROCHA, M. I.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- HÉBETTE, J. Reprodução social e participação política na fronteira agrícola paraense: o caso da Transamazônica. In: HÉBETTE, J.; MAGALHÃES, S.; MANESCHY, M. C. (Org.). **No mar, nos rios e na fronteira**: faces do campesinato no Pará. Belém: EDUFPA, 2002. p. 203-232
- HENRIQUES, R. et al (Org.) **Educação do Campo**: Brasília SECADI, 2007, 148 p. (cadernos SECADI/MEC)
- MARTINS, M. F. A. MARTINS, A. A. (.). **Territórios educativos na educação do campo**: escola, comunidade e movimentos sociais. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- PASSAGGI, M. C. SOUZA. E. C. VICENTINI, P. P. **Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização**¹ Educ. rev. vol.27 no.1 Belo Horizonte Apr. 2011.
- PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores**: saberes da docência e identidade do professor. São Paulo, Cortez, 1996.
- SILVA, A. P. da. MENEZES, A. C. S. REIS, E. dos S. **Educação para a convivência com o Semiárido: desafios e possibilidades de um novo fazer**. In: ANTUNES-ROCHA, M.I. MARTINS, M. F. A. MARTINS, A. A. (.). **Territórios educativos na educação do campo**: escola, comunidade e movimentos sociais. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.